

Reler Marcel Mauss: notas sobre o autor, professor e militante

Vinicius Kauê Ferreira¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo

A história da antropologia e da sociologia acordou a Marcel Mauss a posição de um cânone paradoxal. Por um lado, é indiscutível a centralidade de sua figura para a constituição teórica e a identidade da disciplina, sendo ele um dos nossos mais citados, respeitados e romantizados autores. Por outro lado, nossa compreensão sobre Mauss pode ser excessivamente atrelada à figura de Émile Durkheim, seu tio e primeiro mentor. Neste artigo, partindo de trabalhos biográficos, cartas publicadas, programa de ensino e artigos redigidos por Mauss, revisito essas grandes narrativas de modo a pensar a formação e a trajetória desse intelectual para além da figura de Durkheim e do grupo da *Année Sociologique*. Exploro sua relação com Paul Fauconnet, Henri Hubert, Sylvain Lévi, Jean Jaurès e Alfred Espinas, assim como seu engajamento com a formação de linhagens e de redes mais amplas. Abordo também controvérsias envolvendo a amplitude de sua obra. Insisto, por fim, nos elementos constitutivos de um pensamento maussiano fundado em suas proposições teóricas e políticas, mas também em sua prática como professor e militante socialista.

Palavras-chave: Marcel Mauss; Trajetórias Intelectuais; Teoria Antropológica; História da Antropologia; Antropologia Francesa.

Revisiting Marcel Mauss: notes on the author, teacher and militant

Abstract

The history of anthropology and sociology has bestowed upon Marcel Mauss the position of a paradoxical canon. On the one hand, the centrality of his figure to the theoretical constitution and identity of the discipline is indisputable, making him one of our most cited, respected and romanticized authors. On the other hand, our understanding of Mauss may be excessively tied to the person of Émile Durkheim, his uncle and first mentor. In this article, starting from biographical works, published letters, syllabi and articles authored by Mauss, I revisit these major narratives in order to reflect on the formative years and trajectory of this intellectual beyond the figure of Durkheim and the *Année Sociologique* group. I address his relationship with Paul Fauconnet, Henri Hubert, Sylvain Lévi, Jean Jaurès and Alfred Espinas, as well as his engagement with the formation of larger lineages and networks. I also address controversies surrounding the scope of his work. I insist, finally, on the constitutive elements of a Maussian thought founded on his theoretical and political propositions, but also on his practice as a socialist teacher and militant.

Keywords: Marcel Mauss; Intellectual Trajectories; Anthropological Theory; History of Anthropology; French Anthropology.

Recebido em: 06/04/2023

Aceito em: 07/08/2023



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

1 Introdução

*Enfim, de minha parte, eu estou cheio da vida de estudante,
e de continuar a viver como um grande tolo,
tutelado ou como um relapso*
(Carta de Marcel Mauss a Henri Hubert, 1898).

Figura canônica da história da antropologia francesa, Marcel Mauss é um autor incontornável na formação de qualquer antropólogo. Além de suas teorias fundantes da teoria antropológica moderna, como o fato social total e a noção de pessoa, diversos de seus textos são referências para campos específicos como a antropologia da religião, da economia, das emoções e do corpo. Ao mesmo tempo, Mauss é frequentemente classificado como um pesquisador de obra fragmentária e ensaística. Outra dimensão das mais importantes na construção de sua *persona intellectualis*, Mauss é invariavelmente apresentado como o sobrinho de Émile Durkheim. Mas será possível ler Mauss para além da sombra do tio e do projeto sociológico que lhe é associado? Será possível ler Mauss para além do fragmento, buscando em sua produção a construção de um caminho intelectual próprio ainda que não descolado do grupo liderado por Durkheim?

Neste artigo, revisito a obra de Marcel Mauss, explorando algumas controvérsias de sua produção e vida intelectual. Mais precisamente, interessa-me partir dos complexos laços que Mauss manteve com a pessoa e o pensamento de Durkheim para em seguida traçar linhas de diferenciação entre ambos e, finalmente, contornos capazes de sugerir características próprias à trajetória e ao pensamento maussiano. Mais do que buscar continuidades e heranças intelectuais, trata-se de avançar em pontos de tensão e ambivalência entre esses dois personagens tão importantes para as ciências sociais. Cabe esclarecer que por “obra” entendo não apenas a obra escrita – o que parece ser o seu entendimento mais corriqueiro –, mas também o trabalho institucional, de ensino e editorial intrínseco ao ofício acadêmico. Tal perspectiva nos ajuda a evitar narrativas excessivamente abstratas, para não dizer ingênuas, da construção do campo disciplinar, e que certamente não fazem justiça ao espírito crítico que caracteriza a antropologia.

A análise desenvolvida aqui se fundamenta em dois tipos de material: (i) como material primário, exploro textos, e programas de seminários disponíveis em arquivos digitais; e (ii) como material secundário, amparo-me em uma vasta literatura biográfica dedicada à obra e à vida de Marcel Mauss, por meio da qual temos acesso também a sua produção epistolar¹. Nesse sentido, este artigo consiste em certa medida na revisão

¹ Nesse sentido, vale mencionar a coletânea de cartas enviadas por Émile Durkheim a Marcel Mauss (1998), intitulada *Lettres à Marcel Mauss* e organizada por Philippe Besnard e Marcel Fournier. Ainda que não constituindo uma fonte

crítica de literatura – exploro os trabalhos de importantes biógrafos e comentadores, como Jean-François Bert e Marcel Fournier –, mas em diálogo com arquivos e textos fundadores. Minha contribuição a este debate consiste na articulação entre elementos da construção não apenas da obra de Mauss em tensão com aquela de seus mestres, mas também de sua notoriedade no interior de um campo acadêmico altamente disputado por concepções do trabalho intelectual.

Do ponto de vista teórico, duas referências são fundamentais no modo como penso a produção do campo, trajetórias e obras intelectuais. Primeiramente, guio minha análise pelos esforços de Mariza Peirano (1990) na escrita de uma história da antropologia que dê o devido lugar a seus “debates e embates”. Além disso, inspiro-me nos trabalhos de Mariza Corrêa para refletir criticamente sobre processos de firmação de notoriedade (Heinich, 2012) de autores cuja figura, uma vez seu lugar no campo consolidado, é referida sempre de modo a obliterar críticas, controvérsias e aspectos menos gratos de suas trajetórias. Para tanto, este artigo está estruturado em três momentos: (a) parto de um texto escrito por Marcel Mauss e Paul Fauconnet, em 1901, sobre o método sociológico a fim de trazer o jovem Mauss, em formação sob a tutela de Durkheim; (b) em seguida, trago nuances importantes em torno da filiação de Mauss às ideias durkheimianas, apontando para importantes tensões e diferenças entre ambos; e (c), finalmente, proponho uma reflexão sobre a possibilidade de encontrar as linhas gerais de um pensamento maussiano para além da importante influência de Durkheim. Em suma, neste ensaio de revisão de literatura, mobilizo argumentos que, ainda que não originais, buscam contribuir para uma leitura específica de Mauss como um intelectual formado por, e formador de redes intelectuais extensas e duradouras no campo da sociologia e da antropologia.

2 O Método Sociológico como Iniciação à Vida Intelectual

Se a historiografia das ciências sociais apresenta o início do século XX como o momento de consolidação da sociologia durkheimiana como ciência por meio do trabalho de um certo número de figuras frequentemente citadas, menos explorado é o que poderíamos chamar de um trabalho intelectual-pragmático em torno do qual está reunido um grupo engajado de pesquisadores. Este trabalho inclui a edição de revistas, revisão de textos, traduções, envio e recepção de livros, produção de resenhas, troca de cartas, funções administrativas e orientação de alunos que, apesar de sabidamente corriqueiras da vida intelectual de todos nós, seguem ocupando um lugar marginal dentro das categorias de classificação de uma “obra” na história da disciplina. Nesse sentido, é necessário lembrar que além das consagradas publicações de Durkheim, encontramos uma série de publicações de menor projeção que se inscrevem e alimentam sistematicamente essa tradição então emergente, e que existem graças a um trabalho intelectual menos reconhecido, mas igualmente importante, de coleta e organização de textos e pessoas.

No caso de Mauss, este trabalho impõe-se logo no início de sua carreira, na condição de jovem estudante e sobrinho de Durkheim. Abordando a formação acadêmica do

primária em si, visto o trabalho de curadoria que a publicação de um arquivo implica, a publicação representa uma importante aproximação a um arquivo epistolar.

primeiro, Jean-François Bert (2012) analisa a relação mestre-estudante estabelecida entre ambos ainda nos anos 1890 na Universidade de Bordeaux, onde Durkheim era professor e Mauss aluno do curso de *agrégation* em filosofia. Nos registros estudados por Bert, vemos trabalhos de Mauss cuidadosamente corrigidos por Durkheim, seu professor à época. As anotações ensinam a Mauss as minúcias da escrita acadêmica, a precisão conceitual exigida e os protocolos a serem respeitados para a apresentação de ideias. Ao ler uma prova de Mauss corrigida em 1895, vemos que Durkheim risca os papéis, substitui termos e opina sobre parágrafos específicos (Bert, 2012, p. 97). Em suma, tudo aquilo que diz respeito à transmissão de um *savoir-faire* necessário à vida intelectual.

Essa relação de orientação se aprofunda no período que se sucede aos estudos em filosofia de Mauss, quando ambos passam a morar em Paris, e Mauss começa a escrever artigos e resenhas para a então recente revista *L'Année Sociologique*, fundada por Émile Durkheim e Célestin Bouglé (Cuin; Gresle, 2002, p. 76). Um texto representativo da posição de Mauss no interior desse projeto coletivo é *La sociologie, objet e méthode* [*A sociologia, objeto e método*], escrito em parceria com Paul Fauconnet, em 1901, para publicação na *Grande Encyclopédie* [*Grande Enciclopédia*]. Nesse texto, os dois jovens pesquisadores investem numa redação de apresentação sistemática da sociologia como ciência e dividem o texto da seguinte maneira: *I. Objet de la sociologie; II. Méthode de la sociologie; III. Divisions de la sociologie*. As duas primeiras seções apresentam ainda subdivisões, conferindo ao texto certo rigor de análise característica das produções inscritas num projeto sociológico em construção.

Não importa aqui realizar uma análise exaustiva do artigo escrito por Mauss e Fauconnet, senão colocar em evidência pontos pertinentes para o desdobramento de algumas considerações. No que tange ao estilo, impõe-se uma escrita austera que lembra em muito os grandes textos clássicos de Durkheim, portadores de uma retórica sólida e precisa, seja em seu objetivo sociológico, seja no plano dos conceitos e da argumentação. Quanto ao seu conteúdo, percebemos aqui as distinções clássicas da sociologia de Durkheim, como a diferenciação sistemática entre essa disciplina emergente e outras, como a psicologia, a filosofia e a história. Com efeito, a retórica, o plano epistemológico, o projeto científico, etc., todas as marcas de um trabalho científico trazem a marca de Durkheim e seu acompanhamento sobre o crescimento do Mauss pesquisador.

Por outro lado, interessa-me melhor nuançar a tão comum vinculação realizada pela história da sociologia e da antropologia quando se trata do pensamento desses dois autores. Pode causar surpresa o conteúdo da intensa troca epistolar mantida por Mauss com colegas como Hubert, Fauconnet e, claro, Durkheim, para não mencionar seus estudantes, alguns anos mais tarde. Isso porque essas cartas testemunham um intelectual hesitante e descontente com suas incumbências profissionais, muitas das quais atribuídas por seu tio. Reproduzo abaixo a passagem de uma carta enviada por Fauconnet à Mauss, em 4 de agosto de 1900, a respeito da confecção de seu texto, retirada do supracitado livro de Bert:

Sábado,

Caro Marcel. Eu passei a tarde do último sábado com Durkheim em Versalhes. Ele estava bastante cansado. Ele que jamais pede outra coisa que pensar com a maior intensidade possível, tinha tendência à preguiça e se demorava deliberadamente em tagarelices. [...] Ele estava um pouco impaciente por ver o artigo ficar pronto, crendo que a entrega devia ser imediata. [...]

Durkheim e eu temos a impressão que você tinha escrito muito rápido teu manuscrito. Estava muito mais indicado que executado, sobretudo a seção “objeto”. Você retomava ideias já expressas, você se contentava, para outras, de indicá-las. Durkheim e eu nos pusemos a revisar essa parte: o resultado desse trabalho, feito no sábado e no domingo (eu retornei à Versalhes pela manhã e nós trabalhamos uma hora antes e uma hora após o almoço) foi o plano de 4 páginas rabiscadas com notas por Durkheim e inteligível somente para mim. Convencionamos então que eu farei novamente essa parte. E eu me pus a fazê-lo: a primeira metade (especificidade do fato) está concluída. Eu devo enviá-la à Durkheim e eu direi a ele de enviá-la de volta. Eu terminarei o mais rapidamente possível a segunda metade: especificidade da explicação, et procederêi do mesmo modo. Você a devolverá a mim e eu comentarei o todo. Eu te envio essa noite a parte método, teu manuscrito com algumas notas. Durkheim achava a redação mais clara, e além disso ele não se sentia mais, no domingo, em estado de continuar. Eu coloquei algumas questões pessoais, as mais importantes foram submetidas a D. Você se dará conta além disso relendo teu trabalho que é preciso necessariamente refazer o manuscrito.

(Carta de Paul Fauconnet a Marcel Mauss, 4 de agosto de 1900, *apud* Bert, 2012, p. 145-147, tradução minha).

A carta de Fauconnet deixa entrever uma clara divisão do trabalho de redação entre esses três pesquisadores. Durkheim não está contente com o trabalho e a dedicação de Mauss, que é sistematicamente supervisionado e tem seus textos revisados por seu tio, enquanto Fauconnet, interlocutor privilegiado de Durkheim, intermedia as trocas entre ambos. Com efeito, esse trecho não seria suficiente para desdobrar considerações de grande amplitude sobre as relações em jogo, mas a leitura mais extensa deste material epistolar sana qualquer dúvida a respeito da existência de conflitos. Na continuação do presente ensaio, busco demonstrar que a ideia amplamente compartilhada de uma filiação de Mauss ao projeto sociológico de Durkheim, a partir de textos publicados, nos impede de compreender a complexidade da trajetória de Mauss, assim como de sua herança.

3 Intelectual fracassado²? Sobre a Construção da Notoriedade

Frequentemente referido como um intelectual original, suas análises costumam ser apresentadas como exemplo de erudição além e pela sua capacidade de tecer relações complexas entre diferentes sociedade e épocas³. Ligado a um estilo ensaísta de escrita, seus textos são vistos como inspiradores, marcados por grande liberdade criativa, mas também pela convicta ausência de um grande sistema teórico – defendida por Mauss, como mostrarei adiante. Não obstante, como demonstro nesta seção, a notoriedade de Mauss precisa ser situada dentro de uma história de tensões e disputas que constituem o meio acadêmico no qual se insere. Para isso, exploro uma série de críticas realizadas ao seu trabalho na tentativa de lhe imputar a marca de um teórico inacabado, lembrado por jamais ter explorado com afinco o máximo de suas aptidões evidentes e competências que uma vida científica de excelência exige. O sociólogo é eventualmente tratado de intelectual negligente e excessivamente disperso por seus compromissos “não acadêmicos”, eufemismo para descrever seu engajamento no movimento socialista francês.

² Em francês, *raté*.

³ Sobre o trabalho de Marcel Mauss como professor e orientador, remeto ao documentário produzido por Miriam Grossi e Carmen Rial (2002), intitulado *Mauss segundo suas alunas*. Nele, Germaine Tillion, Germaine Dieterlain e Denise Paulme relatam a dedicação de Mauss à erudição e à ampla formação de seus alunos e alunas.

Insisto que não se trata aqui de questionar o inequívoco e amplamente reconhecido peso de sua obra para a construção institucional e teórica da antropologia na França e no mundo (Cardoso de Oliveira, 1979; Tarot, 1996), mas de historicizar, de modo crítico, a construção da sua notoriedade – trabalho este que deveria sempre guiar a redação da história da disciplina. Penso sobretudo na importância de observar o que Mariza Corrêa (1995) chamou de “notoriedade retrospectiva” para se referir ao fato de que desavisadamente atribuímos o estatuto do reconhecimento a todo o trabalho que antecede um longo e progressivo processo de distinção. Portanto, não sugiro que Mauss seja de fato visto como um intelectual fracassado – a amplitude, densidade e influência de sua obra são amplamente reconhecidas pelo campo disciplinar pelo menos desde os anos 1970 (Karady, 1968) –, mas de restituir a construção não consensual da notoriedade de um autor tornado clássico.

Reveladoras nesse sentido são as cartas trocadas entre Durkheim e Mauss. Em seu memorável trabalho biográfico, Philippe Besnard e Marcel Fournier (Durkheim, 1998) retomam as cartas trocadas entre tio e sobrinho entre 1893 e 1917. Esse material torna explícito as decepções de Durkheim em relação a seu sobrinho, vendo nele um intelectual cada vez mais disperso com questões políticas e menos dedicado à produção teórica. Essas cartas falam de um distanciamento crescente na maneira como cada uma dessas figuras compreende o exercício da vida intelectual. Se nos falta nesse repertório epistolar as cartas que Mauss enviava a Durkheim – temos acesso somente às cartas em sentido contrário – podemos sempre recorrer a outras fontes também esclarecedoras.

Jean-François Bert também retoma as correspondências trocadas entre Marcel Mauss e Henri Hubert, a partir do fim do século XIX até a morte desse último em 1927. Considerado por Mauss como seu “gêmeo de trabalho”, Hubert é o interlocutor privilegiado de Mauss durante parte considerável de sua vida profissional. Suas cartas são, sem dúvidas, reveladores da maneira segundo a qual Mauss trabalhava, pensava e concebia a atividade de pesquisa. Merece especial atenção uma carta não datada que ele envia a seu amigo e colega para relatar a ingerência de Durkheim sobre seu trabalho: “Enfim, de minha parte, eu estou cheio da vida de estudante, e de continuar a viver como um grande tolo, tutelado ou como um relapso” (Bert, 2012, p. 141, tradução minha). Entretanto, como já foi dito, as divergências tomam uma dimensão mais vasta, a de um *ethos* ligado a uma concepção de vida intelectual.

Na verdade, meu tio e você conservaram o ideal da École Normale⁴ e do liceu. Suas vidas, toda voltada para as coisas do intelecto, não tem outro objetivo senão as renúncias ou os deleites mais elevados, vocês não têm meio. Você tem, meu caro amigo, os hábitos de uma educação muito violenta que a escola impõe. E certamente, este ideal é esplêndido, e essas renúncias nobilíssimas para que eu os culpasse algum dia; se em meu amor por meu tio, em minha amizade por você, mistura-se alguma admiração, é justamente esse traço de sua personalidade que está em questão. Mas é pela mesma razão que eu lhes vejo frequentemente infelizes, eu disse isso a Durkheim, eu posso sem problemas te dizer, frequentemente sem razão. Renúncias, caro amigo, são necessárias às vezes, e eu tenho há muito tempo distinguido, melhor que outros, aquelas que devo abdicar-me de desejar, e aquelas que devo desejar. (Carta de Marcel Mauss a Henri Hubert, sem data, apud Bert, 2012, p. 148-149, tradução minha).

⁴ Instituição de ensino superior de maior prestígio da França e por onde passaram muitos dos célebres historiadores, filósofos e sociólogos franceses, como Simone de Beauvoir, Claude Lévi-Strauss, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Jacques Le Goff, etc.

Podemos arriscar dizer que tais ponderações de Mauss equiparam a relação de Durkheim e Hubert àquela mantida entre Durkheim e Fauconnet; ou seja, uma parceria intelectual que serve de mediador entre essas três figuras, e que estabelece a distância justa entre Mauss e Durkheim. Ademais, essas últimas cartas confirmam a existência de uma relação de tensão e distanciamento progressivo entre tio e primo. Distanciamento este que é não apenas pessoal, mas também teórico. Mais do que isso, um distanciamento fundamentado na ideia de intelectualidade e de obra ancoradas na “teoria” como prática abstrata e de reclusão do mundo.

Jean-François Bert (2012), em seu *L’Atelier de Marcel Mauss*, parte da crítica a uma tradição biográfica da história das ciências sociais que coloca em um mesmo plano trajetórias pessoais e constituição de grandes correntes do campo. Tal perspectiva, segundo Bert, teria como efeito a negação da diversidade e das diferenciações que formam sucessivas gerações de pesquisadores, na medida em que ela se apoiaria sobre uma falsa visão relacional do autor estudado: um lugar coerente no interior de um grupo, de uma linhagem, *deve* ser encontrado ao biografado, posto que este seria o *dever* do biógrafo. No caso de Mauss, o principal objeto de crítica de Bert é o trabalho de Marcel Fournier, notório biógrafo de Mauss, responsável por reconstituir sua vida intelectual em uma obra que se tornaria o relato quase oficial da vida pessoal e profissional de Mauss (Fournier, 1994). Acusando Marcel Fournier de não abordar uma das esferas fundamentais do percurso intelectual de Mauss, Jean-François Bert se pergunta: onde encontramos o homem político, comprometido com a causa socialista? Quais são suas redes acadêmicas? Ou, ainda, podemos depreender da obra de Marcel Mauss um *pensamento maussiano*?

Muito antes de Bert, Steven Lukes já ironizava a obra de Fournier, notadamente em um artigo de 1996 intitulado *Quelques réflexions sur le “Mauss” de Fournier* [*Algumas reflexões sobre o “Mauss” de Fournier*]. Fournier responde a seu crítico no mesmo número com um artigo que comporta um título de tom também irônico, intitulado *Si je devais réécrire la biographie de Marcel Mauss...* [*Se eu devesse reescrever a biografia de Marcel Mauss*]. Em sua resposta, o biógrafo, parecendo compreender rapidamente o que vários leitores exigem dele, avança por uma série de pontos que teria deixado de lado em seu livro monumental: a maior parte, segundo ele, em razão de princípios éticos. Em suma, aos seus olhos, certos aspectos da trajetória de Mauss poderiam representar elementos determinantes para a construção da imagem de Mauss como um antropólogo “fracassado”.

Sua família, e em particular seu tio e sua mãe, desesperavam-se por ele: indolência, posição numa instituição – a École Pratique – que era, segundo sua mãe, um “ninho de cobras”, tese de doutorado nunca terminada, estatuto de solteiro (Fournier, 1996a, p. 31, tradução minha).

É preciso dizer que, nessa passagem, Fournier apenas sintetiza críticas mais ou menos correntes contra Mauss, sem, entretanto, aderir a elas. Mas quais são exatamente essas críticas? A esse respeito, encontramos afirmações bastante ácidas sobre Mauss. Para Henri Mendras (1995), a obra de Mauss não seria mais que “uma série de artigos e textos abortados”. Para Roger Caillois (1978, p. 25, tradução minha), “[...] esse homem era desprovido de talento a tal ponto que constrangia. Desejávamos para ele uma parcela de destreza, paciência, aplicação, da mínima das qualidades que ele se gabava ter e que

lhe faziam enorme falta". Também David Graeber (2013, p. 47), ainda que em tom menos crítico, nota que:

A maior parte dos ensaios de Mauss eram trabalhos inacabados, anotações preliminares de projetos de pesquisa em andamento. Ele passou a última metade de sua vida rodeado de projetos incompletos: uma tese acerca da natureza da prece, um livro sobre as origens do dinheiro, e ainda um outro sobre socialismo e nacionalismo... Quando de fato ele emitia um relatório parcial, era geralmente porque o exigiam, ou porque ele sentia que havia alguma razão imperativa.

Podemos nos perguntar em que medida a ideia de um intelectual fracassado e pouco aplicado não seria legitimada por representações hegemônicas sobre o trabalho intelectual que privilegiam o exercício da abstração e a edificação de grandes sistemas herméticos de pensamento e que, de modo mais ou menos explícito, habituamo-nos a reproduzir na escrita da história das ciências sociais. No caso específico de Marcel Mauss, é preciso notar ainda sua posição ambígua junto a Durkheim: ao mesmo tempo que sua posição como sobrinho de um intelectual *accompli* não possa ser negligenciada na construção de uma carreira acadêmica que, sabemos, é grandemente beneficiada por redes familiares no interior de instituições, por outro lado, o fato de não ter escolhido para si a vida de ascese intelectual que Durkheim construiu para si, relega-o à sombra deste último – e podemos nos perguntar até que ponto as frustrações de Durkheim com Mauss influenciaram tal reputação à época.

Mas importa aqui releer Marcel Mauss a partir de uma perspectiva mais nuançada e incorporada de sua obra, o que nos leva a questionar o que significa ler Mauss para além da figura de Durkheim e da *L'Année Sociologique*. Qual tipo de operação hermenêutica é necessário que realizemos para sermos capazes de capturar a complexidade de um pensamento teórico e político que se constitui de complexas relações e cruzamentos – como é, evidentemente, o caso de toda obra relevante? Buscando responder a essas perguntas, sugiro que apreciemos cuidadosamente outras influências cruciais sobre Mauss nos permite delinear aberturas, distinções e definições possíveis para uma compreensão menos monótona e fragmentária de sua obra.

4 Nós Escolhemos Nossos Mestres

Muito além da influência de Durkheim, o pensamento de Mauss é eminentemente marcado pela influência de outros professores que lhe foram caros ao longo de sua formação em Bordeaux, como Espinas e Hamelin. Com o primeiro, Mauss iniciou-se em estudos de psicologia; com o segundo, Mauss teve seu contato com a filosofia de Spinoza, pensador que se faria presente em toda sua obra. É Espinas, entretanto, que Mauss reconhecerá como maior influência como aluno, e quem o levaria a se distanciar de algumas das premissas da sociologia de Durkheim – inspirando, portanto, algumas das críticas que Mauss faria a seu tio.

Contudo, antes de avançar aos debates teóricos, é importante determo-nos um pouco nas relações pessoais de mestre-estudante que Mauss estabeleceu durante sua trajetória de jovem pesquisador. Uma das figuras centrais nas narrativas aportadas

pelo próprio Mauss, foi o filólogo indianista Sylvain Lévi. Para abordar essa profícua relação acadêmica, gostaria de começar exibindo o documento a seguir: o programa de conferências ministradas no *Collège de France* e na *École Pratique des Hautes Études*, ambos em Paris, no ano letivo de 1900-1901. Ele nos permite visualizar os primeiros estudos realizados por Mauss sobre a sociedade indiana, mesmo antes da publicação de seus primeiros trabalhos de maior relevância.

Figura 1 – (A) Programa do curso de Religiões da Índia do ano letivo 1900-1901 da *École Pratique des Hautes Études*

A

— 37 —

**II. Conférence de M. G. RAYNAUD, maître de conférences.
sur les Religions de l'Ancien Mexique.**

1° *Rites de la naissance* : Baptêmes par l'eau et par le feu, scarifications phaliques et autres. Éducation des jeunes gens. Cérémonies du mariage. Rites et divinités de l'accouchement. — *Rites funéraires* : La vie d'outre-tombe; le Lieu des Morts; le Lieu terrestre; la Maison du Soleil; les divinités de la tombe.

2° *Les divers panthéons de l'ancien Mexique* : Leur amalgamation par les Aztèques. Les dieux locaux. Nouvelles traductions des noms de Quetzalcohuatl, Huitzilopochtli, Tezcatlipoca, Xipe Totec, Tlaloc, Chalchiuhtlicue, Tlazolteotl et Xochiquetzal; rapide aperçu de leurs fonctions, quelles tribus ils protégeaient plus particulièrement.

3° *Les cosmogonies mexicaines* : Les âges du monde.

Nombre des inscrits : 19.

Élèves titulaires : M. JOURDAIN; M^{me} BOISSARD.

Auditeurs réguliers : MM. BOBAN, GIOVANETTI, TEXIOT DE RAVISE, TOURNIEL; M^{me} BOBAN.

III

RELIGIONS DE L'INDE.

Directeur adjoint : M. Sylvain Lévi, professeur au Collège de France. — Maître de conférences : M. A. FOUCHER, agrégé des lettres.

En l'absence de M. Foucher, retenu à l'École française d'Extrême-Orient, la conférence a été dirigée par M. M. MAUSS.

Conférence du mardi. — *Histoire sommaire des religions de l'Inde.* — Dans cette conférence ont été successivement étudiés : le brahmanisme préboudhique, le bouddhisme, le jainisme, ainsi que les divers mouvements religieux contemporains du bouddhisme ancien. Le cours a été fait à un double point de vue : présenter l'histoire et l'analyse des phénomènes religieux hin-

Fonte: Annuaires de l'École Pratique des Hautes Études (1900)

Figura 2 – (B) Programa do curso de Religiões da Índia do ano letivo 1900-1901 da École Pratique des Hautes Études

B

— 38 —

dous, d'après les travaux les plus récents, familiariser les auditeurs avec les formes et les termes mêmes des religions de l'Inde ancienne.

Conférence du vendredi. — Analyse des divers systèmes de philosophie hindoue et explications de textes du Vedānta. — Classification générale des systèmes de philosophie, d'après le Prasthāna-bheda de Madhusūdana. — Étude sommaire du développement des principaux concepts philosophiques et théologiques dans les Vedas (Sāṃhitās, Brāhmaṇas et Upaniṣads), avec explication de quelques passages des anciennes Upaniṣads. — Histoire sommaire du système Vedānta. — Explication, avec commentaire historique, du Vedānta-Sāra de Sadānanda. La comparaison de ce texte avec les Sūtras de Bādarāyaṇa, avec le commentaire de Āṅkara, et avec les divers systèmes de philosophie hindoue, a démontré le caractère éclectique de ce texte fondamental pour le système orthodoxe actuel.

M. THOMMEN a brillamment participé à l'explication de ce texte.

Nombre des inscrits : 34.

Élèves titulaires : MM. CAHEN et GRATEROLLE-MONTAUBLOQ.

Auditeurs réguliers : MM. VON GERSDORFF, LESAGE et A. LÉVY (pendant le 1^{er} semestre), DU PASQUIER, THOMMEN; M^{lle} PARTRIDGE.

IV

RELIGIONS DE L'ÉGYPTE.

Maître de conférences : M. E. AMÉLINEAU, docteur ès lettres.

1^{re} Conférence : *La troisième année des fouilles d'Abydos. — Explication des résultats obtenus dans les fouilles dirigées par le maître de conférences, à Abydos, et par d'autres sur divers points de la vallée du Nil. — On a montré l'importance de ces résultats, comment ils ont renouvelé l'histoire de l'Égypte, en particulier, et celle de l'humanité, en général. Ils permettent d'atteindre maintenant une époque à laquelle on n'osait songer et attestent l'existence d'une race en pleine possession d'une civilisation déjà avancée.*

2^e Conférence : *Explication de la Vie de Schenouti, d'après la méthode déjà appliquée antérieurement. — Histoire des idées religieuses chez les Coptes.*

Fonte: Annuaires de l'École Pratique des Hautes Études (1900)

A esse respeito, Jean-François Bert lembra que Mauss era encarregado já nos anos 1897-1898 de algumas aulas de sânscrito, língua que ele dominava muito bem – assim como o pali. O comentador dos trabalhos de Mauss, J. Allen (2010), por sua vez, lembra que os cursos sob sua responsabilidade já em 1900 na EPHE tratavam todos de indologia, sempre supervisionados por Sylvain Lévi. Isso porque Mauss teria sido designado para substituir M. Foucher em um seminário de indologia coordenado por Lévi. Bert mostra ainda que

Mauss conhecia o sanscritista ao menos desde 1896, quando ele fora seu professor de *Religiões da Índia*, e que essa relação teria se aprofundado ao longo de suas carreiras. Nesse contexto, Mauss figura no *Annuaire* da EPHE com as palavras cordiais de Lévi, onde se lê que M. Mauss e M. Lederer “merecem uma atenção especial” graças ao impressionante progresso e aos “conhecimentos ímpares que Mauss trazia para o seminário” sobre o Vedântasâra (Lévi; Foucher, 1897, p. 78). N. J. Allen (1998), por sua vez, destaca que Lévi seria mais tarde reconhecido por Mauss como um dos seus principais mestres, ao lado justamente de Émile Durkheim. E é precisamente na obra em homenagem aos 25 anos de trabalho de Lévi na EPHE, publicada em 1911, que encontramos um pequeno artigo de Mauss intitulado *Anna-Viraj*, abordando as representações associadas à comida na literatura védica do subcontinente indiano.

Ainda no seu contexto de formação, podemos nos referir a alguns textos escritos por Mauss, fazendo diversas referências à Índia. Em seu *Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício*, publicado com Henri Hubert em 1899, a Índia torna-se central para a compreensão das relações entre os fatos sociais de “sociedades tribais” e os fatos sociais das “sociedades europeias”. Na escrita deste artigo, a maior parte das contribuições em torno dos textos védicos teria sido aportada por Mauss, que retomou por sua vez notas dos cursos ministrados de Sylvain Lévi. Contudo, se a sua formação em indologia por meio da figura de Lévi impõe-se de maneira importante neste texto – e N. J. Allen o considera como o principal exemplo do domínio que ele possuía do sânscrito –, encontramos escritos ainda mais aprofundados sobre a sociedade da região atualmente conhecida como Índia, como é o caso do seu artigo sobre yoga publicado em 1901.

Allen vê nessa obra uma abordagem “Indo-Europeia” que deve ser relevada. Segundo ele, o interesse de Mauss, ao mesmo tempo histórico e filosófico, fez de sua obra uma reflexão centrada sobre *categorias*, mas sobretudo sobre as diferentes maneiras de realização dessas por meio da história humana. E, nesse sentido, a Índia aparece como uma fonte privilegiada para a reconstituição da historicidade das dinâmicas sociais universais, portanto das *categorias* que as descrevem, a partir de uma perspectiva comparada global (Allen, 2010). A realização desse projeto seria claro especialmente em certas obras, publicadas entre 1902 e 1938: *De quelques formes primitives de classification* [*Sobre algumas formas primitivas de classificação*] (1903), publicado com Durkheim; *Esquisse générale d'une théorie de la magie* [*Esboço geral de uma teoria sobre a magia*], publicado em 1902 na revista *L'Année Sociologique*; *Essai sur le don* [*Ensaio sobre a dádiva*] (1925); *Une catégorie de l'esprit humain* [*Uma categoria do espírito humano*] (1938), em que Mauss sugere que a Índia teria sido a primeira civilização a conceber uma noção de indivíduo. Allen cita ainda dois trabalhos inacabados: sua tese sobre as preces, planejada nos primeiros anos do século XX; e *La catégorie de substance* [*A categoria de substância*], que Mauss publicaria com Hubert, e que compreendia o artigo referido acima sobre a alimentação na Índia védica. Evidentemente, essa lista não esgota os usos dos Vedas e Shastras nos seus escritos, visto que modo geral o subcontinente indiano é um topos de suas análises comparativas.

Não obstante a centralidade de Sylvain Lévi na formação intelectual de Mauss, há que se mencionar outra figura à qual Mauss acordaria um estatuto ainda mais duradouro de mestre: Jean Jaurès. Intelectual e político socialista nascido em 1859, Jaurès foi um dos fundadores do Partido Socialista Francês (1902), do jornal *L'Humanité* (1905) e

da Seção Francesa da Internacional Operária (SFIO, 1906), opondo-se ao comunismo radical em defesa de processos pacíficos de participação política. Assinando a Introdução da obra de Durkheim intitulada “*Le socialisme: sa définition – ses débuts – la doctrine saint-simonienne*” [O socialismo: sua definição – seus começos – a doutrina saint-simoniana], Marcel Mauss lembra que seria ainda em 1883, durante os anos na *École Normale Supérieure*, que Mauss e Jaurès se aproximariam em função de uma admiração comum pelo socialismo. A obra que Mauss introduz consiste na transcrição de cursos preparados por Durkheim dentro do projeto de redação de uma história do socialismo, abandonada mais tarde em razão da absorvente empreitada de fundação de uma nova ciência: a sociologia. Entretanto, destaca Mauss, ainda que o estudo do socialismo tenha sido interrompido, a doutrina saint-simoniana continuava a marcar sua obra: seus cursos sobre a divisão do trabalho, o suicídio, a família, assim como toda sua obra subsequente, seria marcada pelas influências de um pensamento social e político de influência saint-simoniana sem que se identificasse como um socialista. Segundo Mauss (1928, p. 6): “O pensamento de Durkheim havia tomado sua forma definitiva. Uma ciência a ser fundada absorvia naturalmente suas forças. Mas ele não perdia de vista seu ponto de partida”.

Enquanto Durkheim decidiria se dedicar à “ciência pura”, Jaurès decidiria dedicar-se à vida política, tendo ambos guardado seus laços de amizade e admiração mútua. Admiração esta que, para Durkheim, não era suficiente para ver em Jaurès a figura de um “pensador”: “Não, ele não era um pensador” diria o primeiro em relação ao segundo em carta enviada a Mauss em 20 de maio de 1916. Se Durkheim menciona Jaurès em sua correspondência com Mauss é porque este último, a partir do começo do século 20, passa a se ver “esquartejado” entre a fidelidade que cultivava aos dois mestres (Joly, 2010, nota 19). Nesta carta, como em outras, Durkheim repreende Mauss por sua participação crescente na SFIO, na redação de artigos políticos para a imprensa socialista, no movimento de cooperativas, além de viagens para a Alemanha, a Inglaterra e a Rússia a pedido do partido (Birnbaum, 1984). Já entre 1904 e 1906, Durkheim se opunha firmemente ao que considerava o comportamento errante e incompatível com um verdadeiro projeto intelectual:

Você é num instante crítico. Trata-se de saber se você vai renunciar – protelando-as ano a ano – às suas legítimas ambições científicas continuando a se perder nas tarefas [políticas] para as quais é preciso qualidades e defeitos que você não tem. (Carta de Émile Durkheim a Marcel Mauss, sem data, 1904-1906, apud Durkheim, 1998, p. 380, tradução minha).

Longe de ser anedótica, esta dupla admiração é constitutiva do trabalho intelectual e da obra de Marcel Mauss que, ao mesmo tempo em que buscava separar escrita científica e política, deixava transparecer as preocupações próprias aos debates socialistas de sua época. Como aponta David Graeber (2013), a primeira metade dos anos 1920, marcada pelos ares da Revolução Russa, foi também o período de redação de dois importantes textos de Mauss: *Socialismo e Bolchevismo* e o célebre *Ensaio sobre a dádiva*, ambos publicados em 1925. Apesar de tematicamente distantes, ambos compõem duas faces de uma mesma moeda: de um lado, um manifesto político, e de outro, um ensaio científico, ambos organicamente ligados por uma mesma concepção, mais ou menos evidente, de socialismo.

Graeber nota que o início do século XX testemunhou um longo debate sobre a natureza do “contrato social” hobbesiano que, recordemos, sustentava que a saída do “estado de natureza”, de guerra de todos contra todos, só teria sido possível graças a um contrato social em que todas as pessoas abdicavam do seu direito de exercício da força em benefício do estado. Esta discussão mobilizou não apenas Herbert Spencer, que via uma transição inevitável da coerção estatal à liberdade das competições econômicas, mas também Durkheim, que respondia a este último afirmando que a esfera econômica não substituiria o estado, mas pelo contrário, o reforçaria pela gestão do econômico. A contribuição de Mauss, por meio do *Ensaio sobre a dádiva*, vai num duplo sentido: (i) as relações contratuais fundantes do social não se dariam entre indivíduos, mas entre grupos sociais (clãs, tribos, etc.); e (ii) esses contratos não eram ou políticos (entendo o estado como instituição política por excelência) ou econômicos, mas “totais”, ou seja, articulando todas as esferas do social (moral, religião, economia, política, etc.). Uma tal teoria das formas elementares do social carregava consigo importantes implicações. Primeiramente, menos do que “acordos”, esses contratos apresentam-se como entendimentos inconscientes (remetendo à concepção maussiana de cultura). Segundamente, menos do que baseados em interesses individuais, eles eram frutos de obrigações voluntárias (noção presente também em seus escritos sobre a expressão obrigatória dos sentimentos e as técnicas do corpo).

Nesse ensaio, Mauss mata dois coelhos com uma só cajadada. Além de realizar sua conhecida crítica à filosofia do interesse próprio que sustentava a noção de *Homo Economicus*, ele apontava também para a possibilidade de um “mercado” (ou seja, a circulação de bens econômicos) que fosse englobado pela dádiva, relegado aqui ao seu papel de mecanismo de alocação e circulação de bens, mas que não fosse o princípio último de determinação do valor da vida social. Ele se posicionava, assim, politicamente contra duas vertentes ideológicas importantes de sua época e igualmente responsáveis, aos seus olhos, pela fetichização da política e do papel do estado: criticava o projeto comunista bolchevique, inicialmente tentado por Lênin, de abolição frustrada da circulação por compra e venda; e denunciava também o projeto de bem-estar social fundado no liberalismo econômico de um mercado que funcionava como principal régua de valoração da experiência social. Uma das noções fundamentais d’O *Ensaio sobre a dádiva*, a de “prestação total”, é uma reflexão sobre a impossibilidade de abolição da propriedade privada (comunista) e se coloca em oposição à ideia então corrente de “comunismo primitivo” usado para descrever sociedades “primitivas”. A obrigação de prestação total, na teoria maussiana, parte justamente da existência invariável da *posse* de indivíduos sobre bens (alimentos, caça, instrumentos, ferramentas, mulheres, etc.), mas evidenciando a obrigação da reciprocidade no usufruto compartilhado desses bens individuais.

O que importa apreender aqui é como o pensamento político de Mauss constrói uma obra sociológica e antropológica inspirada por dois mestres, Durkheim e Jaurès, mas ao mesmo tempo autônoma. Partidário de um socialismo enraizado nas práticas sociais e econômicas coletivas, construído de baixo para cima, ele se engajou ativamente em diversas cooperativas locais de compra e venda e na defesa do estado como expressão e mediador das tensões sociais (Reberioux, 1973, p. 13). O mercado não era, para ele, uma instituição a ser abolida pelo estado, mas uma dimensão constitutiva da vida social à

qual o devido lugar deveria ser garantido. E o projeto sociológico andava de mãos dadas com seu engajamento político.

5 Mauss Autor: aberturas e descobertas

Podemos pretender a existência de uma obra *maussiana*? Podemos encontrar em sua produção intelectual marcas que a caracterizariam? Para avançar nessas questões, gostaria de abordar algumas das divergências entre Mauss e seu mestre-tio, sugerindo que é possível assim compreender melhor como a figura intelectual de Mauss se expressa em um projeto antropológico que sucede ao de Durkheim.

Como afirmei no início da seção anterior, Mauss foi aluno de Alfred Espinas, professor em Bordeaux, que lhe fez ler Théodule-Armand Ribot e outros clássicos em psicologia. As anotações feitas por Mauss de suas aulas com Espinas, em 1894, consagradas tanto à “Filosofia de Berkeley”, quanto à “A motilidade e a questão dos movimentos em psicologia” evidenciam os interesses do então aluno: “Movimentos mais elementares”, “Reflexos”, “O sentido muscular”, “Papel dos movimentos nas faculdades intelectuais superiores, no pensamento (operações discursivas, analíticas)”, entre outros (Bert, 2012). Neste contexto, Mauss se interessa por aquilo que ele chama de “filoso-biologia”, um campo então conhecido como “tecnomorfolgia”.

Este último termo é especialmente interessante porque o encontraremos transmutado em outros de seus textos, ao qual o leitor deste artigo já deve ter-se remetido por conta própria: *As técnicas do corpo* [*Les techniques du corps*], de 1936. Ensaio que se tornaria fundamental para a antropologia francesa, seu título é uma espécie de releitura do antigo termo de tecnomorfolgia. Se esse último, trabalhado por Espinas, aproxima-nos consideravelmente das ciências naturais, aquele escolhido por Mauss aproxima-se mais das ciências humanas, tornando-se mais tarde essencial para a nova antropologia da técnica. É precisamente nesse texto que Mauss explora as relações entre psicologia e cultura, trabalhos em “psico-sociologia”, para defender que o pretensão intervalo entre a esfera do social, do psicológico e do cultural é eminentemente falso.

Retomar essas considerações epistemológicas nos é útil para voltarmos ao artigo analisado inicialmente aqui, escrito por Mauss e Fauconnet, nuançando melhor agora as posições nele apresentadas. Basta para isso que nos lembremos que os dois autores mencionam que “[...] há, portanto, fenômenos propriamente sociais, distintos dos que estudam as outras ciências que tratam do homem, tal qual a psicologia: são aqueles que constituem a matéria da sociologia” (Fauconnet; Mauss, 1901, p. 9). Vemos nessa passagem uma distinção que caracterizaria a sociologia de Durkheim: o afastamento entre a sociologia e as outras ciências humanas, como a psicologia, a filosofia e a história.

A pretensão desse arrazoamento é o de mostrar um Mauss que funda seu pensamento sobre aberturas teóricas e epistemológicas que, em certo sentido, podem ser lidas como bastante diferentes do projeto *durkheimiano* de diferenciação e especialização de um campo disciplinar autônomo. Numa carta enviada a Hubert, historiador de formação, seu mestre Henri Berr tece os seguintes comentários a respeito da aproximação de Hubert ao grupo de Durkheim:

Eu não o vejo inteiramente livre – eu não falo de magistério, mas de uma influência que, por mais que seja de excelência, tem seus inconvenientes. Admiro infinitamente Durkheim [...]. Mas, para mim, o domínio da sociologia é restrito, e eu estou convencido que há interesse em determiná-la deliberadamente, não a ampliar o campo a todo preço (Carta de Berr a Hubert apud Bert, 2012, p. 149-150, tradução minha).

Pelo contrário, percebemos que o projeto de Mauss é um projeto de abertura, seja teórica, seja metodológica. Mauss se apropria diretamente da psicologia e da indologia; Mauss as utiliza, as referencia, as explora e fundamenta suas reflexões em fontes diversificadas. A sociologia é para Mauss uma abertura de espírito, que lhe permite se interessar pelo que o cerca e que constitui sua experiência de leitor. Segundo George Balandier (1996), são a erudição e vitalidade de sua obra que nos impedem, paradoxalmente, de classificá-la. Mauss avança na direção da descoberta do que lhe é desconhecido, muito mais do que em direção da sistematização de questões já postas. Seu pensamento é visto por Balandier como um pensamento livre e impaciente.

Além disso, diferentemente de Durkheim, Mauss não estaria interessado na constituição de um pensamento sistemático:

Eu não estou interessado em desenvolver teorias sistemáticas... Eu trabalho simplesmente sobre materiais e se, aqui ou lá, aparece uma generalização válida, eu a estabeleço e eu passo a alguma outra coisa. Minha preocupação principal não é elaborar um grande esquema teórica geral que cobre todo o campo – é uma tarefa impossível –, mas apenas mostrar algumas das dimensões do campo do qual tocamos apenas as margens. Nós conhecemos alguma coisa, aqui e lá, – é tudo. Tendo trabalhado assim, minhas teorias são dispersas e não sistemáticas e ninguém poderia resumi-las. Há tantas coisas a fazer e que me parecem mais importantes que revirar velharias. Depois de ter terminado completamente um trabalho, eu o esqueço, eu o coloco de lado e eu vou em direção de alguma outra coisa (Mauss, 1991, p. 619-620, tradução minha).

O distanciamento entre Mauss e Durkheim apenas cresceu ao longo dos anos, o que é corroborado pelo artigo de Steven Lukes (1996), intitulado *Le Mauss de Fournier* [*O Mauss de Fournier*], no qual ele faz referência à célebre biografia que Fournier (1994) escreveu sobre Mauss. Nesse texto, Lukes propõe uma reflexão sobre uma dimensão central do trabalho *savant*: como a teoria se constitui numa sorte de espaço de precipitação de maneiras diferentes de conceber o exercício de uma vida intelectual. Mas, para refletir sobre o que essa postulação pode significar, eu gostaria de antes fazer um pequeno *detour* por um debate teórico que pode nos ser útil.

Lukes (1996) considera que a biografia escrita por Fournier não problematiza de modo adequado a influência de Durkheim sobre a produção intelectual de Mauss. Para ele, é preciso repensar esse lugar comum de nossa disciplina para que sejamos capazes de reconhecer as complexidades da obra desse último. Nesse sentido, ele reconhece a pertinência de uma breve questão levantada por Fournier, ligada à crítica que Mauss endereça ao livro *A divisão social do trabalho* [*De la division sociale du travail*], publicado em 1893 por Durkheim. Ao analisar este livro, Fournier nos lembra que Mauss criticava a separação entre *solidariedade orgânica*, para as sociedades modernas, e *solidariedade mecânica*, para as sociedades ditas arcaicas. Mauss sustentava que as últimas apresentavam

suas formas próprias de *solidariedade orgânica*, que seriam colocadas em prática não por meio de contratos e da burocracia, mas por meio de trocas de influências e de serviços. De acordo com Lukes, Mauss vê a complexidade onde Durkheim vê apenas uma “massa homogênea”: essas sociedades são formadas por “[...] numerosos subgrupos político-domésticos (clãs, fatrias), uma multitude de divisões (sexo, idade, geração, classe social, castas), e enfim, todo um sistema complexo de alianças (matrimoniais, etc.)” (Fournier, 1994, p. 624, tradução minha). Mais ainda, Mauss veria a *reciprocidade* onde Durkheim veria a *solidariedade*. Postulação essa que não pode passar despercebida.

Assim, se podemos propor alguns desdobramentos dessas observações, identificamos aí sem dúvida uma diferença essencial entre harmonia e conflito, dualidade que se imporia como fundadora de toda sociabilidade humana. Se a solidariedade de Durkheim é, sobretudo, ligada a um funcionamento idealmente harmônico da sociedade – perspectiva geralmente associada à abordagem estrutural-funcionalista –, a reciprocidade da qual fala Mauss se interessa muito mais ao conflito, tal como vemos em seu *Ensaio sobre a dádiva*. Dito de outro modo, onde Durkheim vê um espaço de consolidação dos laços sólidos, Mauss vê um espaço de ritualização dos conflitos e do interesse. É sempre válido lembrar que se trata aqui de um interesse que não tem nada a ver com o *homo economicus* da economia política de então, nem com o conflito implicando a negação da alteridade. A reciprocidade maussiana é uma circulação do prestígio. Circulação conflitiva muitas vezes, mas não sempre, e animada pelo desejo de ascensão de *status*. Mas Lukes nos lembra também que o próprio Mauss se defenderia em certo momento, afirmando que essa discordância jamais significou uma crítica determinante em sua filiação ao pensamento de Durkheim. Segundo Mauss, as sociedades modernas “[...] puderam ser ‘harmonizadas’ graças ao fortalecimento e à criação de ‘subgrupos’, à organização do mercado e à reinvenção de formas de reciprocidade situadas fora do mercado” (Lukes, 1996, p. 43, tradução minha).

Entretanto, a reciprocidade não é somente aquilo ao qual nos habituamos chamar de “teoria”. Eis o que é absolutamente central quando estudamos a produção de Mauss. E para desenvolvê-lo eu gostaria de retornar ao ponto que evoquei há pouco: como, nesse debate, a “teoria” se constitui num espaço de cristalização de diferentes concepções do exercício mesmo de uma vida intelectual. Como a *reciprocidade* adquire, na obra de Mauss, uma dimensão de *ethos* e, poderíamos nos arriscar a dizer, caracteriza a produção intelectual de Mauss e sua herança às ciências sociais.

6 O trabalho Intelectual como Reciprocidade: reconhecer os predecessores e fazer conhecer os contemporâneos

Se Mauss é visto como um intelectual “fracassado” por alguns de seus críticos, encontramos como pivô para esta posição o fato de que ele seria apenas em 1930 eleito para o Collège de France, após uma tentativa “fracassada” em 1909 de ocupar a cadeira de Filosofia Grega e Latina deixada vacante por Bergson que havia, na verdade, trocando-a pela cadeira de Filosofia Moderna, ocupada por Gabriel Tarde, concorrente direto da *L'Année Sociologique*, que acabara de falecer. A eleição de Mauss, apenas 21 anos mais

tarde, acontece em um momento em que declinava a influência política do grupo que herdara o capital político de Tarde, notadamente contrário à candidatura de Mauss, então liderado por Édouard Le Roy, “esse católico praticante e militante, *agrégé* de matemática e sucessor de Bergson” e que trabalhava para a criação de uma cadeira de filosofia social em detrimento da cadeira de sociologia que viria a ser atribuída a Mauss (Fournier, 1996b). Eleito, Mauss dedicaria sua aula inaugural a sua visão sobre o cotidiano da vida intelectual: uma vida de diálogos e de reconhecimentos para com aqueles com quem dialogamos. Uma vida de reciprocidade acadêmica.

Acontece que diante da sociologia como diante de mim mesmo eu tenho um duplo dever a cumprir. Capaz talvez de cumpri-lo, é esse do qual os mortos me encarregaram.

[...]

E agora, tal qual Ulysses e Eneias deviam antes de completar seu caminho pagar a dívida de seu culto às almas de seus companheiros perdidos, do mesmo modo eu me sinto aqui como que cercado pela multidão de nossas sombras amadas. É Durkheim, meu mestre e segundo pai, com sua cabeça forte e pensativa, seus belos olhos azuis e míopes e sua voz apaixonada. É a forte figura suave e clara de Henri Hubert, meu amigo e meu irmão de trabalho, uma metade de mim mesmo arrancada pela morte. Ambos me deixam suas inscrições sobre uma obra imensa que ainda está por ser publicada e melhor conhecida. É Robert Hertz, o mais querido e de maior grandeza daqueles que trabalharam conosco, coração amante, pensamento sólido, herói morto jovem como morriam os heróis, que me deixa ao menos duas belas obras. São nossos santos vítimas da defesa nacional, Bianconi, David, Gelly, Reygnier, que recultivavam, todos eles, seus campos invadidos pelo esquecimento. E tanto outros... É agora Maurice Cahen, minado pela guerra e cruelmente desprovido, que me transmite seu trabalho sobre a ideia de sentido entre os Alemães. É toda a sua obra que cai sobre meus ombros. Fardo pesado e necessário (Mauss, 2012, p. 146-147, tradução minha).

Essa aula sintetiza de certa maneira o trabalho de Mauss: pesquisador de redes, de parcerias intelectuais, de cartas trocadas, de resenhas, de leitura e crítica de seus próximos, dedicado à orientação. Certamente, esse engajamento para o coletivo, de uma circulação ativa do saber, não foi jamais algo que o tenha diferenciado de Durkheim; muito pelo contrário, é no contexto de formação com Durkheim que ele aprenderia o engajamento nos projetos acadêmicos coletivos. O que sustento, entretanto, é precisamente que Mauss faria do trabalho coletivo não um meio, mas um fim de sua vida intelectual e da sua reflexão teórica. Poderíamos caracterizar a obra de Mauss por um modo de conceber a prática acadêmica para além da abstração cientificista, na medida em que a leitura de Mauss nos conduz a percursos para além daquilo que normalmente chamamos “teoria”. Se seu ensaio sobre a dádiva (ou sobre a reciprocidade), é talvez sua grande contribuição à antropologia, a reciprocidade é também o aspecto maior de seu trabalho intelectual, de uma concepção de pesquisa e produção de conhecimento. Nos termos de Mariza Peirano (2006), poderíamos pensar na realização de uma verdadeira *teoria vivida*.

Diversos são os autores e relatos de alunos que insistem sobre o fato de que Mauss constantemente teria aberto mão de suas pesquisas pessoais em benefício de projetos

coletivos: engajamento como figura implicada; engajamento como pesquisador dedicado às suas redes. A importância do trabalho de Mauss junto à *L'Année Sociologique*, por exemplo, fundada por Durkheim em 1898, é inestimável. Mauss é o responsável pela revisão das obras recentemente publicadas, sendo esse um trabalho que lhe absorve quase totalmente durante muitos anos. Para ele, a escrita de resenhas é um trabalho incontornável para a consolidação da sociologia, visto que é preciso fazer conhecer ao conjunto de pesquisadores a natureza dos trabalhos publicados nas mais diversas temáticas e áreas geográficas. Não por acaso, Mauss e Durkheim rapidamente desenvolveriam uma sistemática própria de aquisição de obras a preços reduzidos junto a editoras e livrarias estrangeiras. Assim, nos primeiros anos de existência da *L'Année Sociologique*, a produção e classificação incessante de fichas de leitura tornar-se-ia a principal ocupação de Mauss, como se pode testemunhar em uma das cartas trocadas entre Fauconnet e Mauss: “É um prazer pra mim te ver fazendo resenhas. Creio que você vai alegrar – e que isso fique entre nós – a D. [Durkheim] escrevendo-lhe também sobre teus projetos precisos e como eles não vão atrasar *L'Année*”.

Outro aspecto importante é o reconhecimento que Mauss expressa a seus colegas e predecessores. Estima que se constitui em dever de memória para com o trabalho daqueles que nos antecederam abrindo campos e perspectivas. É o que vemos em sua aula inaugural no Collège de France, em 23 de fevereiro de 1931:

Como toda obra de um intelectual, esta cuja elaboração vocês assistirão deve tanto ao lógico quanto ao acidental. Necessidades históricas que nós nos construímos como lógicas, contingências que nós nos construímos como o produto do gênio individual mas que são feitas do acaso de nossas vidas e daquilo que ignoramos, que ignoram nossos contemporâneos e aqueles que nos precederam, eis sobre o que no fundo trabalhamos todos (Mauss, 2012, p. 148, tradução minha).

Ao ler as cartas de Mauss, é recorrente a ideia de que esse reconhecimento é pretensamente desinteressado, algo que não se limita a alguma prática que ele mesmo parece denunciar como uma espécie de fisiologismo acadêmico, em algumas das cartas trocadas com Hubert. O fato de não ter sido eleito em 1909 ao Collège de France, após a morte de Jean Izoulet, mesmo já fazendo parte de uma rede acadêmica de considerável reconhecimento, é apontado por alguns como indício de sua falta de sensibilidade para este tipo de relações acadêmicas.

Uma parte importante de seu tempo era dedicado ao trabalho coletivo e à circulação da produção etnológica de sua época: não apenas reconhecer aqueles que nos antecederam, mas também fazer conhecer nossos pares. Além de sua contribuição à *L'Année Sociologique*, como projeto editorial coletivo, é fundamental citar sua participação na fundação, em 1991, do *Institut Français d'Anthropologie*, e em 1925 com Paul Rivet, do *Institut d'Ethnographie*. Ambas as instituições são parte de um investimento que visava à criação de estruturas museológicas ainda prematuras na França, em contraste com a situação de países como a Alemanha, que já contava com grandes coleções e uma estrutura de conservação mais moderna. Assim, por meio da criação dessas instituições, Mauss tornar-se-ia uma figura importante para a institucionalização de um campo ainda em desenvolvimento no seio da academia francesa, até então englobado pela também nascente sociologia: a

antropologia⁵. Se Durkheim é um dos fundadores de uma sociologia francesa, Mauss é um dos fundadores de uma antropologia francesa (Balandier, 1996; Fournier, 1996a).

No que tange ao trabalho de produção das redes nas quais se inscrevia Mauss, descobrimos um pesquisador que nutria grande apreço às trocas epistolares. Nos arquivos de Mauss, Jean-François Bert encontra: 163 cartas enviadas por Fauconnet a Mauss entre 1897 e 1938; 257 cartas enviadas por Millet entre 1901 e 1936; quase 120 cartas enviadas por Seligman entre 1910 e 1939; além de milhares de cartas trocadas entre Mauss e Hubert entre o fim do século XIX e a morte deste último em 1927. A lista é ainda mais longa, mas nos detenhamos por um instante neste último caso. As cartas trocadas entre Mauss e Hubert mostram a vitalidade de uma colaboração acadêmica afetuosa, mas crítica, que atravessaria uma vida e muitas viagens. Quando Hubert embarca para sua viagem ao redor do mundo – coisa que Mauss fez apenas na condição de militante político –, partindo de Marseille em 1902, vemos uma amizade que se soma ao trabalho intelectual de redação de muitos textos em coautoria. Mauss espera impaciente notícias de seu amigo, que cruza os Estados Unidos em trem e a costa africana em navio. São essas cartas também que nos revelam momentos de desgaste da relação entre colegas, e que nos trazem o aspecto mais concreto do trabalho acadêmico em seus projetos coletivos e na construção de redes de pesquisa. Lemos em uma dessas cartas enviadas por Mauss: “*Eu imagino com certeza que você frequenta o mais vivo mundo cosmopolita. Misturo-me à classe operária, entendida no sentido mais estrito e mais vulgar. Cada peixe nada em suas próprias águas*” (Carta de Mauss a Hubert, sem data, *apud* Bert, 2012, p. 135).

7 Considerações Finais

Neste ensaio, argumento que tanto a obra de Mauss (seu legado teórico, portanto), quanto sua atividade profissional (como orientador, editor e coautor), podem ser entendidas por meio de uma leitura que seja ela mesma, em certo sentido, maussiana. Se não é em termos de classificações, categorias ou métodos de análise, é em termos de uma leitura da atividade intelectual como prática de reciprocidade, circulações e redes. Proponho também, ao longo das diferentes seções, pensar a atividade intelectual, a constituição de uma obra e de um campo, por meio de elementos que são bastante pragmáticos e controversos, que extrapolam o que normalmente chamamos de “teoria”.

Mas retornar aos arquivos de Mauss apenas tem sentido se reconstituímos de maneira mais contextual e complexa sua obra e trajetória. Para além da reprodução de “ilusão biográfica” (Bourdieu, 1986), visão que transforma as narrativas de vida em uma espécie de institucionalização da identidade, o presente artigo busca restituir a obra de um intelectual contingente, ativo, que se transforma e que também decepciona. Nesse exercício, evita-se a institucionalização de sua figura, sua romantização por meio do sentido previamente definido e motivador de um grande projeto, ou ainda sua apresentação como jovem estudante brilhante destinado à consagração. Ele é, como todo autor o foi um dia, um estudante tutelado e corrigido, mas que também abandona seus

⁵ Ou *etnologia*, visto que ambas as categorias foram empregadas nas tradições antropológicas francesas.

projetos inacabados uma vez que estes não lhes interessam mais, e que nutre uma vida intelectual aliada a uma vida política menos prestigiosa.

Dito isso, seria leviano sugerir que não encontramos em Mauss certo sentido de projeto intelectual que marque seu percurso. Um sentido construído retrospectivamente, é verdade, e que não é necessariamente consciente, mas que pode caracterizar de maneira global seu trabalho. Foi explorando essa nuance entre uma formação intelectual precisa e as contingências inerentes a qualquer trajetória que tentei aqui sustentar a constância de algo que podemos identificar como profundamente constituinte, pois transversal, ao pensamento de Mauss. Mas para avançar neste argumento, é preciso conceber o termo “pensamento” de maneira mais ampla, para além do que chamamos costumeiramente de “teoria” como formulações discursivas abstratas. O pensamento precisa ser visto como instância *in-corporada* de nossa existência, algo que existe apenas por meio de um corpo, de seus usos e de suas técnicas. As teorias, portanto, cristalizam-se também nesse espaço delimitado por nossas experiências quotidianas.

Como encontramos essa incorporação da teoria em Mauss? Gostaria de sugerir que em Mauss a reciprocidade parece ser um catalisador da vida acadêmica e da produção da disciplina. Mais ainda, é por meio da reciprocidade que Mauss trabalha, de maneira contingente, na construção de um campo. Uma ‘teoria vivida’ (Peirano, 2006) que articula uma vida intelectual, que motiva a escrita de cartas e que o faz deliberar entre “aquilo que devo abdicar de desejar, e aquilo que devo desejar”⁶. Mais que “teoria”, a reciprocidade é uma forma de sociabilidade efetiva; e mais que vida pessoal, a reciprocidade se precipita na consolidação de uma obra – inacabada, certamente – e num trabalho contínuo – mesmo que atravessado por um sentimento ambíguo – de consolidação de um campo.

Sugeri também que Mauss contribuiu definitivamente para a consolidação institucional das ciências sociais. Sua erudição indisciplinada ou menos sistemática do que se poderia esperar de um autor de sua influência não impediram que sua atuação tenha sido crucial para a antropologia francesa. Pelo contrário, para alguns de seus alunos, foi justamente sua abertura inspiradora e formadora a todos os temas emergentes de sua época que construíram um legado incontornável para as ciências sociais que lhes sucedeu. Ser influenciado por Mauss não significa – contrariamente a outros intelectuais, como Bourdieu, por exemplo – inserir-se num quadro epistemológico e teórico relativamente restrito e pouco maleável, o que deveria ser visto como um valor inestimável para nossa disciplina. Por outro lado, esta mesma característica é o que aparece como o calcanhar de Aquiles de Mauss, na medida em que para alguns pesquisadores Mauss é figura secundária na medida em que jamais logrou construir uma grande obra ou uma grande teoria. Mas, para compreender o intelectual Mauss e seu pensamento, devemos simplesmente, talvez, nos livrarmos do peso da “teoria”.

⁶ Ver a reprodução completa da carta em questão mais acima neste texto.

Referências

- ALLEN, N. J. L'interdisciplinarité de Mauss: la fécondité de l'indologie. **Revue du MAUSS**, [s.l.], n. 36, p. 463-471, 2010.
- ALLEN, N. J. The category of substance: a Maussian theme revisited. In: JAMES, W.; ALLEN, N. J. **Marcel Mauss: A centenary tribute**. New York: Bergham Books, 1998. p. 175-191.
- ANNUAIRES DE L'ÉCOLE PRATIQUE DES HAUTES ÉTUDES (1900). Disponível em: www.persee.fr/doc/ephe_0000-0002_1900_num_14_10_19550. Acesso em: 5 abr. 2023.
- BALANDIER, George. Marcel Mauss, un itinéraire scientifique paradoxal. **Revue Européenne des Sciences Sociales**, [s.l.], v. 105, p. 21-25, 1996.
- BERT, Jean-François. **L'atelier de Marcel Mauss**. Paris: CNRS Editions, 2012.
- BIRNBAUM, Pierre. Marcel Mauss: Socialisme et bolchévisme. In: BIRNBAUM, Pierre. **Dimensions du pouvoir**. Paris: Presses Universitaires de France, 1984. p. 55-60.
- BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, [s.l.], v. 62-63, p. 69-72, 1986.
- CAILLOIS, Roger. **Rencontres**. Paris: PUF, 1978.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Marcel Mauss**. São Paulo: Ática, 1979.
- CORRÊA, Mariza. A natureza imaginária do gênero na história da Antropologia. **Cadernos Pagu**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 109-130, 1995.
- CUIN, Charles-Henri; GRESLE, François. **Histoire de la sociologie**: Tome 1, Avant 1918. Paris: La Découverte, 2002.
- DURKHEIM, Émile. **Lettres à Marcel Mauss, présentées par Philippe Bersnard et Marcel Fournier**. Paris: PUF, 1998.
- DURKHEIM, Émile. **De la division sociale du travail**. Paris: Félix Alcan Éditeur, 1893.
- FAUCONNET, Pierre; MAUSS, Marcel. La sociologie: objet et méthode. In: MAUSS, Marcel. **Essais de sociologie**. Paris: Seuil, 1901. p. 165-175.
- FOURNIER, Marcel. **Marcel Mauss**. Paris: Fayard, 1994.
- FOURNIER, Marcel. Si je devais réécrire la biographie de Marcel Mauss. **Revue Européenne des Sciences Sociales**, [s.l.], v. 34, n. 105, p. 27-37, 1996a.
- FOURNIER, Marcel. L'élection de Marcel Mauss au Collège de France. **Genèses**, [s.l.], v. 22, p. 160-165, p. 1996b.
- GRAEBER, David. O Comunismo de Marcel Mauss. **Revista de Estudos AntiUtilitaristas e Pós-Coloniais – REALIS**, [s.l.], v. 3, n. 1, p. 43-61, 2013.
- GROSSI, Miriam; RIAL, Carmen Silvia. **Mauss segundo suas alunas**. Filme documentário, 45min, 2002.
- HEINICH, Nathalie. **De la visibilité: excellence et singularité en régime médiatique**. Paris: Gallimard, 2012.
- JOLY, Marc. La pensée sociologique de Jean Jaurès. **Cahiers Jaurès**, [s.l.], v. 3, n. 197, p. 53-72, 2010.
- KARADY, Victor. Présentation à l'édition. In: MAUSS, Marcel. **Oeuvres**. Paris: Les Éditions du Minuit, 1968. v. 1. p. I-LIII.
- LÉVI, Sylvain; FOUCHER, Alfred. III. Religions de l'Inde. In: ÉCOLE PRATIQUE DES HAUTES ÉTUDES, SECTION DES SCIENCES RELIGIEUSES. **Rapport sommaire sur les conférences de l'exercice 1897-1898 et le programme des conférences pour l'exercice 1898-1899**. Paris: EPHE, 1897. p. 32-33.

- LUKES, Steven. Quelques réflexions sur le ‘Mauss’ de Fournier. **Revue Européenne des Sciences Sociales**, [s.l.], v. 34, n. 105, p. 39-44, 1996.
- MAUSS, Marcel. Un inédit: la leçon inaugurale de Marcel Mauss au Collège de France. **Terrain**, [s.l.], v. 2, n. 59, p. 138-151, 2012.
- MAUSS, Marcel. Entretien avec Earle Edward Eubank. In: KÄSLER, D. **Sociological Aventures, E. E. Eubank’s Visits with European Sociologists**. New Brunswick: Transaction Publishers, 1991. p. 139-146.
- MAUSS, Marcel. Les techniques du corps. **Journal de Psychologie**, [s.l.], v. 32, n. 3-4, p. 271-293, 1936.
- MAUSS, Marcel. Introduction. In: DURKHEIM, Émile. **Le socialisme: Sa définition – ses débuts. La doctrine saint-simonienne**. Paris: Librairie Felix, 1928. p. v-xi.
- MAUSS, Marcel. Socialisme et Bolchévisme. **Le Monde Slave**, [s.l.], v. 2, n. 2, p. 201-222, 1925.
- MENDRAS, Henri. **Comment devenir sociologue**. Souvenirs d’un vieux mandarin. Paris: Actes Sud, 1995.
- PEIRANO, Mariza. **A teoria vivida e outros ensaios de antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- PEIRANO, Mariza. Debates e embates na antropologia: o diálogo entre Índia e Europa. **Dados**, [s.l.], v. 33, n. 1, p. 119-145, 1990.
- REBERIOUX, Madeleine. Jaurès et les sociologues de son temps. **Bulletin de la Société D’études Jaurésiennes**, [s.l.], v. 48, p. 11-13, 1973.
- TAROT, Camille. Du fait social de Durkheim au fait social total de Mauss, un changement de paradigme? **La Revue du MAUSS**, [s.l.], v. 8, n. 2, p. 113-144, 1996.

Vinicius Kauê Ferreira

Professor no Departamento de Antropologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ. Doutor e mestre em Antropologia Social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, França. Pesquisador Associado do Laboratoire d’Anthropologie Politique (LAP) da École des Hautes Études en Sciences Sociales. Desenvolve pesquisas sobre transformações do campo científico global, com ênfase nas circulações acadêmicas internacionais entre Norte e Sul. É editor-fundador da *Revista Novos Debates* da ABA, Co-chair da Commission on Migration da IUAES e Co-chair da Task Force on Precarity da WCAA.

Endereço profissional: Rua São Francisco Xavier, n. 524, pav. João Lyra Filho, 2º andar, bloco F, sala 2015, UERJ, Maracanã Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20550-013.

E-mail: vinicius.ferreira@uerj.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9925-3304>

Como referenciar este artigo:

FERREIRA, Vinicius Kauê. Reler Marcel Mauss: notas sobre o autor, professor e militante. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 26, n. 1, e93748, p. 140-161, janeiro de 2024.